

Síndrome de Tântalo

(Visão Edípica dos Transtornos de Adicção)

1. Introdução:

O ciclo mítico de Édipo inicia-se com um teste aos poderes superiores. Tântalo, um amigo dos deuses, carrega sérias dúvidas sobre a ubiqüidade destes. Resolve submetê-los a um teste. Mata o próprio filho, Pélope, e serve-o em um grande banquete, ao qual os deuses são convidados. Imediatamente o crime é descoberto, Pélope é ressuscitado e Tântalo, a partir daí, é submetido a uma maldição: cada vez que tem sede e cada vez que deseja alimentar-se, a água lhe foge para longe, as frutas lhe escapam da mão. E assim passou a vida inteira, buscando as satisfazer-se e reinventando a cada passo as próprias frustrações.

2. Filicídio:

Não pensaremos que o ato de assassinar o próprio filho possa ter origem numa simples “testagem” aos deuses. A história não conta sobre os sentimentos hostis que habitavam-no, de como eram mal processados os seus impulsos agressivos e o próprio envelhecimento. Em larga escala, o impulso filicida acompanha o homem desde sempre. Freud nos fala do pai tribal que expulsava os filhos e ficava com todas as fêmeas para si. A sociedade inventa e organiza guerras sucessivas, para que os mais jovens venham a morrer em nome de um pseudo-ideal. Pensemos na expressão “morrer pela pátria”: Pátria vem de Pai. Então, podemos dizer “morrer pelo pai”, ou “morrer através do pai”. Ou seja: a morte pode ser um ato oficial, para que se dilua a real instância inconsciente que promove em macro-escala o que acontece primitivamente dentro de cada um.

Muitos casos de Transtornos da Adicção podem ser encarados também sob este aspecto. Também são uma forma de os adultos, através da “incompetência” para gerenciar o problema em pequenas famílias e/ou na grande família (sociedade). Essa incapacidade (ou falta de real interesse no problema), é que possibilita a disseminação da epidemia, onde também pode aparecer a “inveja da juventude” como uma das causas que poderia trancar a ajuda eficaz e resolutiva.

3. Parricídio:

Pélope vingar-se-á em outro pai, o homem que viria a ser seu sogro, em uma espécie de vingança derivada. O Rei Enomaus de Elis morre em um “duelo” com ele, onde estava em jogo a mão de Hipodamia. Os dois eram trapaceiros no duelo de carruagens, e a vitória de Pélope faz com ele tenha conseguido as coisas importantes da vida através de atos ilícitos. Ou seja: o atitude educacional é incompleta, traz duplas mensagens e é ineficaz para o desenvolvimento psíquico.

A utilização de drogas é também uma tentativa parricida, visto que as energias do pai não estarão mais direcionadas para o trabalho, para prover o bem estar psíquico e material da família, mas sim para tentar salvar o filho, em um primeiro momento, e para não ser destruído com ele, em um estágio mais avançado. (A sucessão de hostilidades costuma ser tão porlongada, que um já espera do outro o pior, e reage com uma hostilidade prévia, do tipo compulsão à repetição, que perpetua o sistema e fundamenta o instinto de morte).

4. Testar os Deuses: a Onipotência

A não aceitação da finitude contribui no nascedouro da questão. Aprende-se a viver, mas não aprende-se, necessariamente, a morrer. Ninguém lembra da primeira vez que a idéia morte nos imprimiu o aparelho psíquico com os seus temores. A dor foi grande, e os mecanismos de defesa trataram de deixar a idéia no limbo do esquecimento. Lembramos, isto sim, das primeiras perdas. Mas não, anteriormente, da idéia de deixar de existir um dia.

Achar-se imortal, no inconsciente, faz com que os limites do corpo sejam desafiados de várias maneiras. Enfrentar situações perigosas, correr de automóvel, arriscar-se de motocicleta costumam ser alguns dos panos sociais onde se apresenta a idéia onipotente de desafio, do “eu não morro nunca”. A Dependência Química é uma situação onde o jovem identifica-se com Deus, e por vias competitivas. (Eu sou o senhor dos destinos, eu sei se morro ou não, eu controlo a possibilidade ou não de uma overdose, de um pneu que possa estourar). Essa onipotência é marca registrada das situações adolescentes que se relacionam com o uso de drogas.

Pélope, ao ser ressuscitado pelos deuses, torna-se uma espécie de imortal. Alguém que tomou uma overdose de veneno e esteve morto. Mas, como também era um “deus”, foi ressuscitado e pode continuar a viver normalmente.

5. Os Limites do Corpo: Onipotência X Impotência

O limite do corpo é tênue. Basta um corte para expor o conteúdo e colocar a pessoa a uma situação de risco. Rompe-se a homeostase com grande facilidade. A queda dos altos da onipotência para o sopé da impotência é rápida. “Por quê eu?” costumamos pensar quando algum problema mais sério nos aflige, como se nós estivéssemos livres da leucemia, do infarto e dos acidentes.

Esse despreparo para os reais problemas aos quais estamos sujeitos é fruto de um pensar-se grandioso que, em maior ou menor grau, costuma acompanhar as pessoas. Com o uso de drogas, situações como essa sofrem uma caricaturização, ficando bem mais perceptíveis e às vezes até bizarras.

6. O Banquete Canibalístico: “O Encher-se do Outro”

A voracidade, sintoma-base da adicção, é um fator quase patognomônico do problema das dependências químicas. Quando Tântalo serve o seu grande banquete, a satisfação “prazerosa” do momento terá um preço desastroso para a vida futura, quando ele acaba por escravizar-se de sua própria fome ou sede, atolado à margem do lago e já sem buscar o prazer, mas buscando apenas evitar o desprazer que a fome/sede inserem como sensações desagradáveis no corpo. Essa escravidão inclusive possui uma raiz semântica interessante, como observou Kalina: “Nos termos da república romana, o particípio passado **addictum**, empregado como adjetivo, designava o homem que para saldar uma dívida convertia-se em escravo, por carecer de outros bens dos quais se valesse para saldar o compromisso assumido. Addictum era aquele que se assumia como excluído de uma casta, aquele fatal ou voluntariamente deslocado a uma condição inferior à que lhe coube em outro momento; em suma, alguém que não soube ou não pôde preservar aquilo que lhe conferia identidade. O dependente aparece, assim, como despojado: é aquele que perdeu sua identidade e, simultaneamente, adotou uma outra identidade como único modo possível de saldar sua dívida.”¹

Vale ressaltar que os “senhores” desses adictos resolviam subjetivamente quanto tempo e qual a intensidade do trabalho escravo viria a saltar o montante da dívida, assim como muitos pais mantêm os filhos atrelados a uma situação de não-crescimento, por alimentar o lado dependente como se estivesse ajudando a saldar as dívidas infantis que o remetem a vida adulta.

Esta adicção observa-se não só com substâncias psico-ativas, mas também com comida, compras, jogo, e tudo aquilo que pode causar sintomas

¹Kalina, Eduardo. Viver Sem Drogas. Editora Francisco Alves, Brasil, 1987. Página 20.

compulsivos de repetição. Também pode haver adicção à outras pessoas, onde um torna-se adicto e dependente da companhia do outro.

7. Os Desejos não Sofrem Mediação

No bebê, a existência primeira do psiquismo é fundamentada em uma prévia “fantasia” que transita entre o próprio pensar e a realização deste pensamento/desejo pela mãe ou “atendedora de plantão”. E isso se dará sem que ele sequer precise verbalizar ou anunciar esse mesmo desejo. A repetição deste fenômeno ajuda a imprimir um texto narcísico, onde passivamente imaginamos algo e este algo acontecerá. Para a evolução, a partir do processo secundário do pensamento (a palavra falada e entendida), o sistema educacional da família precisará incentivar a criança para que ela mesma seja a agente ativa da resolução dos desejos. Em graus variados, essa derivação se inicia quando é necessário impor as primeiras frustrações, os primeiros “nãos”. A importância disso, na primeira infância, é a de oferecer inúmeras situações onde o desejo sofrerá mediação do mundo externo (a mãe ou o pai) e voltará para dentro da criança, transformado, auxiliando-a a perceber que ela sobrevive a isso, que o sentimento de não haver realizado tal desejo naquele momento exato não causou grande catástrofe à ninguém.

Atualmente, com o aporte incentivador ao consumo, ao imediatismo, quando vivemos o tempo onde o termo “urgente” traduz apenas uma ansiedade telefônica e não uma situação-limite, os pais sentem grande dificuldade em oferecer essa mediação, e a criança, mais hábil ao lidar com as linguagens não-verbais, começa a dominar lentamente a cena da casa. (Na adolescência, teremos essa situação potencializada, pois haverá um reeditar-se da situação edípica). Na infância, a resolução dá-se por “decurso-de-prazo”, pois, além dos mecanismos de dissolução do Complexo de Édipo, a fantasia de posse não conta com possibilidade (corpórea). Porém, o adolescente possuirá a fantasia conjuntamente com a possibilidade, e isso é um potencializador inconsciente da angústia do período. E desta equação advém muitas das hostilidades e desentendimentos familiares que podem surgir.

O “querer” do adolescente é em geral mais agudo, mais incisivo, e a negação dos pais algumas vezes expõe o pensamento psicótico que está contido nas posturas e atitudes.

8. Suicídio: Resultante do Desafio ao Limite

Há vários suicídios na mitologia. Mas existem mais deles na vida não mitológica. É conhecido o fato de que se um suicídio ganha espaço nos grandes meios de comunicação, acontecem vários outros suicídios em cadeia. Por isso, a absoluta maioria deles não é veiculada.

É desnecessário frisar que o suicídio em verdade é um assassinato em 180 graus. No ciclo edípico, há exemplos de suicídios totais e parciais. O filho de Hemon suicida-se, como forma de matar o pai, e termina com isso também levando a mãe ao suicídio. O próprio Édipo “suicida” a sua visão, ao arrancar os olhos, instrumentos inúteis que foram em sua vida. (E daí se percebe a lição de que devemos enxergar pensando e não simplesmente com passividade complativa: ver não é enxergar).

Estamos habituados a falar e ouvir sobre os suicídios agudos, aqueles em que deliberadamente e de forma abrupta a pessoa opta por colocar termo à própria vida. Este é o suicídio que choca e traumatiza à família do morto. Estatisticamente, este tipo representa a minoria das situações. A maioria absoluta dos suicídios se dá de modo crônico, com a pessoa trilhando lentamente um caminho auto-destrutivo cuja culminância é esperada e ao mesmo tempo negada por todos. Seja essa “programação” realizada com ingestão excessiva de álcool, cigarros ou qualquer outra substância, seja com atitudes ou com descuidos pessoais.

Sabemos que o “modus-vivendi” empresta, via de regra, a forma onde se plasmará o “modus-moriendi”². Há um provérbio antigo que afirma: os humanos tem uma forma de morrer semelhante a vida que viveram.

A maioria dos atropelamentos, a morte por over-dose e tantas outras situações ditas acidentais podem ser considerados suicídios inconscientes, pois a parte voluntariosa do ser possui o conhecimento do risco. Pode-se chamar acidente a morte de quem brincava de roleta-russa?

9. Hipodâmia: a Repressão Bumerangue

Aparentemente, a princesa Hipodâmia aceita o jugo paterno, pois submete-se às proibições dele, mesmo que absurdas. Só que a contrariedade era bem viva, embora talvez latente, pois vai desposar o assassino do próprio pai, e há nisso uma espécie de cumplicidade, de vingança. E também, note-se o fato de que se separa de um assassino filicida (o pai que matava os pretendentes) e vai direto aos braços de outro assassino, só que parricida.

²Kalina, Eduardo. Viver Sem Drogas. Editora Francisco Alves, Brasil, 1987. Página 99.

Os ataques reais e as conseqüências imaginárias do período edípico incluem o fantasiar de mortes terríveis desejadas aos pais (alternadamente), com a previsível angústia frente a possibilidade de retaliações por parte deles, instituindo-se desta forma o temor à castrações, eviscerações, e pior, a perda do amor dos pais, que poderiam “matar” o afeto que sentem pela criança.

10. A Negação Edípica em Tirésias

Édipo tentou ver a situação da família tebana através de Tirésias, o cego. O diálogo entre os dois mostra várias tentativas do cego tentando mostrar ao Rei Édipo o que precisava ser visto. Mas foi inútil, pois Édipo mostrava-se impermeável, revelando uma “resistência terapêutica” muito grande, inclusive desproporcional à sua inteligência e capacidade decifratória. Apesar de sábio, Tirésias-terapeuta não foi a pessoa que veio a “abrir os olhos” de Édipo ante aos acontecidos. Ou seja: possuía todo o aparelhamento mental para aconselhar corretamente e desvendar o “mistério” da peste, mas dependia de Édipo-paciente que, naquele momento, ainda exercitava o mecanismo de defesa mais arcaico, e o real auxílio não veio ser efetivado. Édipo realiza um adiamento: preferiu não ver nem interpretar o que até então se sabia. Há que ser lembrado o papel ambivalente na história pregressa de Tirésias, onde já foi homem e mulher. (Pai/mãe).

Muitos pais fazem o possível para não ver o que estaria por trás das atitudes de um filho, seu baixo rendimento escolar e suas instabilidades emocionais. Há casos, inclusive, de alguma professora ou outras pessoas que, ao levantar a questão, sofrem algum constrangimento. “Nosso filho, jamais.” A Negação é o mecanismo de defesa mais primitivo que se conhece, (os avestruzes do pampa utilizam-se deste expediente para “fugirem” do perigo), e costuma funcionar por um período estreito de tempo, cedendo lugar à Projeção. “A culpa, então, é do fulano, das más companhias, das influências nocivas que absorveu na escola...”

12. A Situação Edípica e as Drogas:

O primeiro dos cordões umbilicais possui uma resolução simples e arcaica. Seja ela uma tesoura de costura, na mão de uma parteira, seja ela uma tesoura cirúrgica nos modernos centros obstétricos.

A partir daí, deste marco um na história pessoal de cada indivíduo, é necessário ir criando lentamente as condições para que o segundo cordão (invisível) possa ser cortado um dia entre a pessoa e seus genitores.

Para que esse segundo “corte” ocorra, é necessário a conjunção de três forças importantes, e nenhuma delas deve ser negligenciada.

A primeira é do próprio adolescente, que precisará buscar sua independência psíquica, afetiva e financeira e traçar um rumo para a própria vida. Necessitará constituir outra família e reiniciar o processo, com outro papel, diferente daquele que exerceu até agora. Vê-se que é um trabalho com gasto de energia. A lei do menor esforço fala contra esse determinismo. Se é possível continuar filho a vida inteira, receber dinheiro e não se preocupar com as complicações da adultez, a idéia do não-crescimento é no mínimo bastante tentadora. E, para manter-se pequeno, é necessário buscar fatores que perpetuem o “adolescentismo”, e um destes fatores sem dúvida é o uso de drogas.

A segunda diz respeito à mãe, que pode, sem aperceber-se, querer também que o filho não cresça, para que fique com ela, como um segundo marido (mesmo que assexuado), e pode “usá-lo” também como um sentido adicto. Como se o filho para ela fosse a substância que precisa ser introduzida no psiquismo para mantê-la viva. Também, em um sentido de mais longo prazo, esse filho não-crescido poderia ser uma espécie de seguro-envelhecimento, para teoricamente estar com ela sempre durante a velhice. (Algumas culturas, ainda hoje, oferecem estudo a todos os filhos, menos um. Este um, fica encarregado de não crescer intelectualmente, para que com isso não tenha muita “coragem” de abandonar a casa dos pais e fique com eles até que venham a falecer. No México, havia um costume semelhante: a filha caçula era proibida de casar-se, para que fosse obrigada a morar com a mãe e cuidar dela).

A terceira força é a do pai, que deverá estar a postos para entrar em cena e cortar o segundo cordão, quando isso não estiver acontecendo pelas duas anteriores. Conforme a personalidade deste e o exercício prévio que vinha fazendo do seu papel de pai, isso poderá ser relativamente fácil ou uma operação complicada ao extremo. (O adolescente reconhece naquele pai uma autoridade?) Muitas vezes a ligação simbiótica do filho com a mãe não só é negada como estimulada pelo pai. Situações em que o casamento não vai bem e o pai pensaria algo como: “enquanto ela está entretida com o filho não está me chateando. É melhor deixar os dois como estão”. Outra questão pertinente ao pai é a diferenciação necessária entre o “bom” e o “bonzinho”. Conforme a auto-estima, as sensações de estar devendo algo para o filho, flutuará entre um e outro arquétipo. (Conseguirá ou não aguentar as possíveis retaliações que alguma atitude sua possa gerar?)

O mito é o grande fornecedor de pistas acerca das acontecências que transitam entre o passado e o presente. Em termos comparativos e com uma possível adequação, poderíamos compor, no quadro a seguir, alguns exemplos sociais.

--

ATTITUDE MANIFESTA

IDÉIA LATENTE

--

Perfurar os calcanhares
Amarrar os pés

“Não ande, não caminhe, não cresça.”
“Não aprenda, não saia do lugar.”
“Seu desenvolvimento é nossa
velhice. Estacione-se e páre o tempo
por nós”.

--

Entregá-lo a um pastor

“Outra pessoa cuidará de meu filho”.
“Sei que esta pessoa substituta o
manterá vivo. Isso basta.”

--

Pedir que o matem

“Dei uma motocicleta ao meu filho
adolescente.”
“Anda envolvido com drogas, mas é
uma fase passageira. É normal. Não
há problema.”
“Ele dirige depois de beber, mas é
muito responsável, não acontecerá
nada.”

--

***Políbio e Mérope, Laio e Jocasta:
A mentira dentro da mentira***

Dentro da mesma cronologia, segue-se Édipo envolvido em uma trama de “falsidade de filiação”, ou seja: mentiras desde pequeno. E o que temos além-mito? As duplas-mensagens familiares vão pontuando a trama do convívio.

O pai tem um verbo e uma atitude não-combinantes. Os gregos diziam: “O exemplo não é a melhor forma de ensinar: é a única.”

Édipo e Laio encontram-se em uma bifurcação na estrada.

Laio, o pai “mau” dá uma ordem ao filho e é assassinado por ele.

O pai “verdadeiro” testa o seu poder, em uma encruzilhada. (Leia-se: em uma situação-limite). Depois deste caldo de cultura comentado anteriormente, eis que o pai será forçado a fazer uso de sua autoridade para oferecer/impôr o limite necessário ao adequado desenvolvimento. Porém, como a história pregressa do núcleo familiar destituiu o poder do pai, se ele o fizer, será atropelado. Não há respaldo afetivo para o que o pai exerce seus ditames. Se disser: “Não poderás dirigir o carro hoje”, pode haver um terremoto doméstico. Este o dilema: exercendo o poder, **morre o pai**. Não exercendo, o filho não incorpora as leis psíquicas e sociais, e não cresce nem se desenvolve. (Ou seja: **morre o filho**).

13. Antígona e seus Irmãos: a Simbiose Fatal

Todos aceitam a idéia clara de que, se um filho adolescente estiver com uma ligação exagerada e simbiótica com seus pais, isso irá impedir ou retardar o seu crescimento pessoal. A negação do tipo “isso passa” pode em alguns casos não perpetuar o problema, quando o tempo se encarrega de acomodar as coisas. Só que isso não acontece como regra geral. Se concordamos que a sociedade é indutora, e que essa mesma sociedade é gerenciada por adultos, temos a percepção de que o problema das Dependências Químicas resulta da fusão entre um a angústia interna advinda da adolescência, normal e esperável, e um caldo de cultura externo, convidativo e instigante para o adolescente processar esse período através do uso de substâncias psico-ativas.

A parte interna do problema tem um de seus núcleos na situação edípica. A parte externa, na porção filicida da sociedade indutora e Tanática. (E isso torna essa porção nem tão externa assim, afinal a sociedade reproduz o psiquismo). E assim, são dois lados de uma mesma moeda, que de há muito estão mapeadas nas histórias mitológicas que compõe o todo do Complexo de Édipo.

Para isso, lembramos rapidamente os destinos de Antígona, Eteocles e Polinice. Os três irmãos terminam o ciclo mítico em desgraça,

exclusivamente devido a exagerada cordoalha que havia a amarrá-los uns aos outros, tornando a relação simbiótica e negativa para todos eles.

14. A Indução Filicida ao Uso de Drogas

O aporte publicitário favorável ao uso de substâncias é enorme. Diretamente, através dos meios de comunicação de massa, e indiretamente, através de algumas manifestações artísticas. Não importa se a propaganda em si é de cigarros, por exemplo. O fato é, que para o registro inconsciente que sobra dessa informação, é algo como: “você precisa de mim para processar as coisas, sou necessário para que você suporte a vida e mude alguma percepção dela, já que não pode mudar o mundo”.

E a publicidade bem feita alcança os objetivos de semear a idéia no inconsciente. E isso, por repetição, transforma o desejo em necessidade. Para que não mais exista a sede de água, mas a sede de tal ou tal cerveja, de tal ou tal bebida.

Os anos sessenta ofereceram um impulso importante, inclusive através de alguns meios “científicos”. Dr. Timothy Leary, ex-catedrático de Psicologia na Universidade de Harvard, apregoava a idéia de que o LSD seria uma droga importante para a expansão cerebral, para que a paz e a confraternização viessem ao mundo com plenitude.

A própria maconha recebeu vistas grossas do governo americano quando do seu “lançamento”. Ocorre que havia a guerra contra o Vietnã, e os jovens precisavam de algum “amortecedor de tensões” para não criarem grandes tumultos e embarçar o governo. (Afinal, eram eles que morriam na guerra, e não os políticos). E assim, o famoso Woodstock foi o cenário pacífico de uma “permissão silenciosa” em troca de uma passividade dos que estavam prestes a ser convocados.

Porém, como um dia os jovens se tornarão adultos e irão gerenciar os sistemas e as leis, têm-se uma espécie de eterno retorno. Humberto de Campos, em um dos “Contos Orientais”³, conta a história de um jovem que estava prestes a abandonar o pai em um deserto, para que esse não viesse a atrapalhar o romance que ele iniciara com uma bela jovem. Prestes a ser abandonado, o pai exclama:

³Campos, Humberto: A Sombra das Tamareiras, Contos Orientais. Livraria José Olympio Editora, 4a Edição, 1937, página 46.

— Meu filho! Meu filho! Não me deixes aqui, não por mim, mas por ti! (...) Não me deixes aqui, porque foi aqui neste oásis, neste mesmo lugar, que eu deixei há trinta anos o meu pai, teu avô, quando me tomei de amores pela formosa Moamuna, filha de Sidi-Hohammed, que foi tua mãe! (...) Não é por mim, meu filho! É por ti! Porque se me deixares neste lugar, dentro de trinta anos o teu filho, apaixonado por uma mulher, virá te abandonar aqui, para o pasto dos chacais!

15. A Identificação com o Pai

Quando os filhos de Édipo não estiveram com ele para apoiá-lo no momento difícil, mostram com essa atitude uma não-identificação. Fica marcada a não-resolução edípica, pois é sabido que este fator é um dos encaminhadores eficazes para a dissolução da conflitiva.

Como vimos há pouco, o desastre que se dá com três dos quatro filhos de Édipo e Jocasta possuem raiz neste não-reconhecimento do pai como figura identificatória no momento edípico conclusivo.

16. A Fantasia-tentativa e o Impulso-ação

Se, por um lado, os impulsos filicidas de Tântalo, Laio, Creonte e tantos outros personagens do ciclo marcam a presença com a importância de revelar um sistema inconsciente que guarda desejos hostis, há que se registrar, estatisticamente, mais tentativas do que consecuições. (Estas ficam a cargo dos mais jovens e ágeis, que ainda não completaram o “digestor” dos impulsos primitivos, como os adultos no mais das vezes já o fizeram).

Essa mediação do impulso se traduz no ciclo mítico também através destes elementos, pois as tentativas homicidas ficam a cargo dos adultos e isso revela uma intenção inconsciente que, quando ganha a consciência, esvazia-se de um ou outro modo. Já as mortes reais do ciclo mítico ficam a cargo dos jovens que, nem bem o impulso chega ao psiquismo, já busca exteriorização imediata e, neste caso, desastrosa.

17. A Sobrevivência de Ismênia

Do que resta da prole edípica, Ismênia é quem lança alguma conquista: sua maior sobrevivência, conquistada através da capacidade de administrar os problemas que surgiram com mais bom senso e menos

impulsividade, e do seu contexto interno, o de não sentir-se “adicta” ao pai, à mãe ou aos irmãos, com amores fusionados.

Estar dependente de alguém ou de algo: eis nosso marco inicial de vida. Da fragilidade vieste e a ela retornarás, diz o aforisma bíblico, adulterado um pouco. O temor do desamparo, da finitude, o medo do medo faz que sempre exista a tendência inata em eleger algo ou alguém com importância vital. Seja substância, seja um ritual obsessivo ou uma outra pessoa, muitas vezes formatamos no aparelho psíquico algumas impressões falsas, mas que podem reverberar por toda a existência.